

A TRAJETÓRIA DE UM EXEMPLAR E OUTRAS HISTÓRIAS QUE SE REVELAM EM SUAS PÁGINAS

Resumo: Este artigo se propõe a descrever a análise da obra *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie*, da coleção do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, que foi trasladada da Fundação Biblioteca Nacional para a UNIRIO. A bibliografia material foi utilizada como metodologia, e de modo mais específico, para pesquisar o contexto histórico da publicação de 1740; analisar e descrever as características materiais do livro e do exemplar; identificar as marcas de proveniência e relacionar a trajetória do exemplar com a história da UNIRIO e de outras instituições a que pertenceu. A escolha do exemplar se fundamentou em uma de suas marcas de proveniência: o carimbo úmido da Real Biblioteca. Isso nos fez pensar sobre a trajetória que percorreu: impresso na Holanda, colecionado em Portugal, a chegada ao Brasil com o acervo fundador da Biblioteca Nacional brasileira, até sua permanência nas estantes da BC UNIRIO. Conclui-se que, de forma independente ou complementar, todas as marcas de proveniência nos narram a história social do livro.

Palavras-chave: Marcas de proveniência. História da Biblioteconomia – Brasil. Fundação Biblioteca Nacional.

Marli Gaspar Bibas
Bacharela em Biblioteconomia
Fiocruz
orcid 0000-0002-8879-4727
marli.bibas10@gmail.com

Fabiano Cataldo de Azevedo
Doutor em História
UFBA
orcid 0000-0003-2772-6621
fabiano.cataldo@ufba.br

THE TRAJECTORY OF AN EXEMPLARY AND OTHER STORIES THAT REVEAL IN ITS PAGES

Abstract: This article aims to describe the analysis of the book *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie*, from the collection of the first Brazilian Librarianship course, which was transferred from Fundação Biblioteca Nacional to UNIRIO. The material bibliography was used as methodology, and more specifically, to research the historical context of the 1740 publication; to analyze and describe the material characteristics of the book and the copy; to identify the provenance marks and relate the trajectory of the copy with the history of UNIRIO and other institutions to which it belonged. The choice of the copy was based on one of its provenance marks: the damp stamp of the Portuguese Royal Library. This made us think about its trajectory: printed in Holland, collected in Portugal, its arrival in Brazil with the founding collection of the Brazilian National Library, and its permanence on the shelves of the UNIRIO Library. We conclude that, independently or complementarily, all the marks of provenance tell us the social history of the book.

Keywords: Provenance marks. Librarianship history - Brazil. National Library Foundation.

1 INTRODUÇÃO

A formação e desenvolvimento de coleções de uma biblioteca universitária está intrinsecamente relacionada a coleções particulares ou institucionais que se integram ao acervo das mais variadas maneiras, seja através da compra, doação, permuta, ou como no caso específico abordado neste capítulo, por uma transferência.

Portanto, nosso tema central é o repertório de informações complementares que um exemplar de um livro pode revelar, além de seu conteúdo textual. Essa arqueologia histórica tem na bibliografia material um de seus principais caminhos metodológicos.

Assim como o documento que iremos analisar, esse texto tem uma trajetória, e consideramos importante destacar como foi esse processo.

Em 2017, a convite da diretora do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a bibliotecária Márcia Valéria da Silva de Brito Costa, o professor Fabiano Cataldo de Azevedo, que na época fazia parte do Departamento de Biblioteconomia da mesma universidade, ministrou o curso “Formação e Gestão de Coleções Especiais” para o corpo técnico do sistema. Assim, durante os dias da capacitação, os bibliotecários das setoriais de Enfermagem, Medicina, Letras e Artes etc. puderam dirimir dúvidas e propor ideias. Foi um treinamento muito profícuo que estimulou sugestões dos participantes para a realização de inventário, análise material e ficha diagnóstica, que serviriam de ferramentas para facilitar a gestão das coleções.

Como estudo de caso, durante o treinamento, em inúmeros momentos elegemos a Sala Guilherme de Oliveira Figueiredo¹ (nome do primeiro reitor da UNIRIO), localizada na Biblioteca Central. Seu acervo é formado por: Coleção Brasileira, a Coleção Shakespeariana, a Coleção Oswaldo Torres Galvão, Coleção Guilherme Figueiredo e Coleção Memória da Biblioteconomia (CMB). Dentro desse conjunto, por proximidade afetiva e patrimonial, a CMB foi o foco. Além disso, trata-se de uma coleção que já tinha sido estudada por outros pesquisadores.

Como fruto dessa capacitação, a diretora do SIBI/UNIRIO expressou a ideia e o desejo de submeter a CMB ao programa Memória do Mundo da UNESCO/Brasil. Para tal,

¹ A partir daqui, SGOF.

como orienta as diretrizes do programa era necessário um mergulho profundo na materialidade da coleção.

Desse modo, no ano seguinte, em 2018, com apoio da bibliotecária Maria Marta Magno Calheiros, responsável pela SGOF, o projeto foi delineado. A ideia era fazer uma análise material, tipológica e de conteúdo, este último, porém, sofreu um recorte.

Havia três objetivos principais nessa empreitada: a) recuperar um elo perdido, ou pelo menos mais dados sobre a transferência da coleção da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) para a UNIRIO, e verificar a completude e características da coleção; b) tendo em vista o histórico do curso, os títulos em francês seriam procurados no catálogo da *École Nationale Supérieure des Sciences de l'information et des Bibliothèques*; c) buscar determinados títulos em português no catálogo da FBN².

O projeto, coordenado pelo Professor Fabiano Cataldo de Azevedo e sob a supervisão da Bibliotecária Maria Marta Magno Calheiros contou com a participação de sete alunos de bacharelado e licenciatura em Biblioteconomia da UNIRIO, a saber: Ana Karolina S. B. Furno; Dryelle Muller Cardoso Oliveira; Iara do Carmo; Isabelle Nunes da Silva; Luiz Alberto Pereira Maciel; Marli Gaspar Bibas; Victor Soares Rosa.

Para esse texto destacamos o objetivo “a”, que foi trabalhado pelos ex-alunos Marli Gaspar Bibas e Victor Soares Rosa. A ambos foi solicitado olhar livro por livro dos quase setecentos volumes; nessa investigação, deveriam anotar e fotografar todas as marcas de propriedade (no caso das utilizadas em diferentes momentos pela UNIRIO) e proveniência (para as demais). A bibliografia material foi utilizada nesta metodologia.

Dessa forma, foi preciso registrar numa planilha todas as marcas encontradas nas publicações, realizar sua transcrição, bem como indicar com precisão sua localização no livro. Todo esse procedimento foi construído de forma sistemática, levando em consideração pesquisa exploratória prévia e sucessivas reuniões com os alunos. Assim, seriam observadas marcas como *ex libris* gravado, *super libris*, etiquetas, carimbos úmidos e seco, marginálias, anotações manuscritas; edições numeradas ou autografadas por ex-professores (o que foi facilitado pelo fato dos alunos terem participado de projetos sobre a história do curso) etc.

Por uma série de razões administrativas que não cabem apresentar, o andamento do projeto foi interrompido, mas é importante mencionar que alguns de seus frutos serviram de base para alguns projetos de pesquisa de dissertações e teses. Todavia, o produto que mais nos

² Também foram realizadas algumas reuniões com equipes da Biblioteca Nacional.

diz respeito diretamente foi uma investigação de um ano que levou a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

No decorrer do inventário das marcas da CMB, a aluna de graduação Marli Gaspar Bibas diante do exemplar *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie, de Prosper Marchand* (1740), propôs ao professor Fabiano Cataldo que fosse o tema do seu TCC. O que sem dúvidas, representava um grande desafio pela falta de literatura³.

O estudo sobre as marcas de proveniência do exemplar teve como objetivo evidenciar a importância desse tipo de atividade na rotina dos bibliotecários. De modo mais específico, pesquisar o contexto histórico da publicação, em 1740, da *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie*; analisar e descrever as características materiais do livro e do exemplar; identificar as marcas de proveniência e relacionar a trajetória do exemplar com a história da UNIRIO e de outras instituições a que pertenceu.

Para este *dossiê*, optamos por trazer um recorte que pudesse demonstrar como as marcas de proveniência bibliográfica são fundamentais para o entendimento sobre a formação das coleções, das bibliotecas e da atuação de seus bibliotecários e, ainda, da própria história do livro. O livro impresso visto como um artefato, no qual a sua materialidade é capaz de nos fornecer informações que vão muito além do seu conteúdo textual. Nessa perspectiva, o “livro como objeto é também fonte e documento com possibilidades múltiplas” (AZEVEDO; LOUREIRO, 2019, p. [7]). E, conseqüentemente, esse conhecimento sobre o exemplar é uma importante contribuição para a gestão e valorização do patrimônio bibliográfico.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A escolha do exemplar, dentre os cerca de 700 catalogados na CMB, se fundamentou em uma de suas marcas de proveniência: o carimbo úmido da Real Biblioteca. Isso nos fez pensar sobre a trajetória que percorreu: impresso na Holanda, colecionado em Portugal, a chegada ao Brasil com o acervo fundador da Biblioteca Nacional brasileira, até sua permanência nas estantes da BC UNIRIO.

³ Como orientador testemunhei que os desafios foram impressionantes, como por exemplo: ler francês do século XVIII, o que a aluna superou. Realizou uma pesquisa bibliográfica impressionante, encontrando dados inéditos sobre a gravura do frontispício. Pela maneira que Marli organizou a metodologia, é (aliás foi algo que a banca endossou) uma importante contribuição para a área. Esse trabalho reforça uma filosofia que tenho como professor, pesquisar e produzir conhecimento também para dentro da universidade, colaborando com questões reais e pragmáticas da administração. Tanto no TCC quanto aqui, minha participação é como coadjuvante.

Buscamos dar conta dos seguintes aspectos que orbitam em torno do nosso tema. Como veremos a frente, existem poucos documentos que ajudam numa compreensão linear sobre a saída do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Por isso, partindo do pressuposto de que as marcas de proveniência são fonte de informação, adotou-se o paradigma indiciário como caminho na construção dessa narrativa. Para isso, porém, uma vez tendo como certa a ideia do livro como artefato, procedemos sua análise utilizando os princípios científicos e metodológicos da bibliografia material.

Em 1991, Michael Buckland⁴, da Universidade da Califórnia, publicou um artigo muito importante, sobretudo para a área de Ciência da Informação, “Informação como coisa”, no qual discute a informação dentro de três significados “informação como processo”; “informação como conhecimento” e “informação como coisa”. Após dissertar sobre esses aspectos, apresenta o ponto que nos interessa aqui, ou seja, “informação como uma evidência”. E o que para ele vem a ser essas evidências? Podem ser diferentes formas de elementos que podem ser “lidos” em diferentes suportes, por isso, “in each case it is reasonable to view information-as-thing as evidence [...]” (BUCKLAND, 1991, [p. 4]). Não obstante apresentar um breve estudo etimológico sobre “evidência”, o sentido que ele opta é o da pista, o mesmo usado pelos polícias⁵.

Este é o sentido também compreendido por Carlo Ginzburg (1989) com a metodologia do paradigma indiciário. Os indícios, as pistas desejadas, eram as marcas de proveniências, as informações pelos quais o exemplar tinha passado e se havia algum dado dessa micro-história que pudesse lançar luz sobre uma narrativa repleta de lacunas.

A materialidade do livro nos guiou no espaço-tempo para recuperar a história da publicação (impressor, ilustrador, críticos e bibliógrafos), de seu autor e do contexto sociocultural do período, das bibliotecas e instituições por onde esteve, assim como a formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas. É importante lembrar também, da atuação de profissionais bibliotecários e da própria evolução da Biblioteconomia no Brasil.

⁴ Agradecemos a sugestão deste autor feito pela Profa. Dra. Simone Paiva (UNIRIO) durante o processo de elaboração de comunicação para o Ciclo de Palestras “As marcas de proveniências e a cultura material” em outubro de 2020.

⁵ Para a caracterização de um tipo de marca de proveniência como documento, ver: FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire. Acesso em: 29 jul. 2019.

As marcas de proveniência como uma “informação coisa” podem estar registradas sobre algo, que no caso estudado aqui é o livro, que há algumas décadas os bibliógrafos apontam como um artefato, um objeto tangível (STOKES, 1990).

É necessário, porém, deixar cada vez mais claro que teóricos como Roy Stokes, Philip Gaskell, Fredson Bowers e G. Thomas Tanselle ao sugerirem que a bibliografia material se preocupa como a manufatura do livro em absoluto significa que conteúdo e tudo que foi acrescentado depois (como as marcas de proveniência) estão fora disto. Muito pelo contrário. O uso da Bibliografia Material avançou e hoje não é apenas a busca de um “exemplar perfeito”.

Sendo assim, a organização da pesquisa se apoiou em dois eixos: edição e exemplar. O primeiro eixo refere-se à edição do livro, contemplando a história de sua produção e os elementos materiais que nasceram com ele, sendo imprescindível para o estudo e a compreensão das características específicas do exemplar. O segundo eixo tem como foco o exemplar e suas marcas de proveniência, fazendo uma narrativa historiográfica sobre a sua trajetória nas instituições.

Os procedimentos metodológicos se basearam no método histórico com a realização de pesquisa bibliográfica e documental, além da fundamentação teórica dos conceitos pertinentes ao tema. A utilização de técnicas de observação direta intensiva e sistemática na análise material do exemplar subsidiou o estudo histórico da obra, seguindo os padrões para a descrição bibliográfica de livros do século XVIII propostos por Idália García Aguilar, em *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo* (2011).

Para Varry (2011), a bibliografia material se descreve como a ‘arqueologia’ do livro impresso e, desde os primórdios, serve de ferramenta para a História do Livro. Na definição de Gaskell (1999) é a descrição material dos elementos de um livro. A visão de García Aguilar (2011), adotada neste estudo, inclui a materialidade do livro impresso em um contexto cultural e social, fornecendo as bases para a valorização patrimonial e institucional do livro e das coleções bibliográficas.

Para essa autora, a bibliografia material se insere no campo biblioteconômico de duas maneiras: fornecendo dados bibliográficos e alicerçando as pesquisas sobre o passado do livro. Sendo assim, compreendemos que a análise material de um livro como artefato (objeto e documento) se destina tanto à prática da catalogação, como aos estudos históricos sobre uma edição ou exemplar (GARCÍA AGUILAR, 2011).

Segundo Silva (2018, p. 26), a “Bibliografia Material envolve a análise e a descrição do objeto livro, entretanto nos é necessário saber quais os parâmetros de análise e descrição e como isso pode ser aplicado [...]”. O estudo do livro como documento histórico, visto como prática biblioteconômica, contribui tanto nos dados de catalogação, quanto na gestão do patrimônio bibliográfico, permitindo diferentes abordagens, de acordo com os objetivos pretendidos.

Silva (2018) utilizou a bibliografia material para analisar, principalmente, as marcas tipográficas e as gravuras na versão digitalizada pela Biblioteca Nacional da França, disponível na plataforma Gallica, da primeira edição de *Orbis sensualium pictus*, de Jan Amos Comenius, publicada em 1658, em Nuremberg. Com outro objetivo, Freire (2013) investigou as dedicatórias manuscritas nos exemplares da Biblioteca de Manuel Bandeira para entender a rede de sociabilidade do escritor. Já Valladares (1998) pesquisou os aspectos materiais das edições de Martin Frias para identificar variações em uma mesma edição.

A bibliografia material é, por isso, interseccionada em seus próprios aspectos e tem caráter transdisciplinar, estando relacionada ao contexto histórico-social, cultural ou literário de um período. Permite-nos trafegar entre as marcas de manufatura (ou tipográficas), de uso e de proveniência, onde cada uma delas nos traz um tipo de informação.

As marcas de manufatura se manifestam originalmente, e idealmente, em uma mesma edição, como a editoração tipográfica e textual, tipos de ilustração, impressores e processos de impressão, papel, formato, caracteres, e estão relacionadas à fabricação deste objeto.

Na categoria de marcas de uso estão as marcas de proveniência/procedência e propriedade/posse, pois estas compreendem tudo que foi acrescentado ao exemplar após sua manufatura, registram várias mãos, intenções e momentos. Determinadas marcas nascem com finalidade de registrar a posse, como por exemplo, os carimbos úmido e seco que as bibliotecas utilizam; os ex-libris impresso e manuscrito etc. Já outras determinam: a origem, a produção e a comercialização, tais como: as dedicatórias, as etiquetas de livreiros e dos encadernadores, dentre outros.

No conjunto dos registros que documentam o uso de um exemplar também podemos encontrar: as anotações manuscritas, as marginálias (incluindo o que consideramos como marginálias avulsas⁶), as dobras e os marcadores de páginas. De certo modo, por também

⁶ Alguns leitores muito ciosos com seus livros evitam escrever comentários diretamente no exemplar, assim, usam papéis avulsos para essas anotações e deixam entre as páginas que deseja destacar.

documentarem a trajetória do exemplar, estes registros estão no grupo das marcas de proveniência. Para o pesquisador, a determinação de proveniência ou propriedade é uma mera forma de leitura a partir de onde o exemplar se encontra. Por exemplo, para nós, os carimbos que analisamos foram marcas de propriedade atribuídas ao exemplar ao longo da sua história que servem como evidência da sua proveniência.

De forma independente ou complementar, todas essas marcas nos narram a história social do livro (AZEVEDO; LOUREIRO, 2019).

Em uma reflexão, Ulpiano Bezerra de Menezes ao analisar o texto sobre coleções de Krzysztof Pomian⁷ diz que:

[...] os objetos considerados documentos por excelência, os objetos ‘antigos’, ‘históricos’, são dotados de uma significação especial, que faz com que eles representem o invisível. É por isso que eles são, prioritariamente, expostos ao olhar. Pomian chama a esses objetos, especialmente dotados para exercício dessa função, de ‘semióforos’, isto é, ‘portadores de sentido’ (1980, p. 11).

Seguramente, os livros, sejam eles antigos ou não, trazem uma trajetória que poderíamos classificar como esse “invisível”. Todavia, como veremos adiante com vários teóricos que estudam especificamente as marcas de proveniência, como David Pearson, eles não são portadores de sentido pelo que eles são apenas como objetos ou conteúdo impresso, mas por tudo que está registrado no documento.

Seguindo o exemplo de Jo Birks (2014), optamos pelo circuito de Thomas R. Adams e Nicolas Barkes (2001) que, diferentemente daquele publicado por Robert Darnton (1990), enfatiza mais o processo do que os agentes envolvidos. Apresentam ainda uma espécie de sequência de eventos do livro, como publicação, manufatura, distribuição, recepção e sobrevivência.

Para sobreviver, Adams e Barker propõem um evento em três fases: criação, recepção inicial e uso; um período sem uso intensivo; e um ponto em que um livro é procurado como um objeto ou por seu conteúdo, pois “[...] documenta a era que o trouxe à existência e, portanto, entra no mundo da coleção e da pesquisa acadêmica” (ADAMS; BARKER, 2001, p. 32). Nesse ponto, “[...] as qualidades tangíveis do livro são consideradas tão importantes

⁷ O texto em questão é: POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. Vol. 1. Memória -História.

quanto seu conteúdo” (ADAMS; BARKER, 2001, p. 36). A sobrevivência em uma coleção institucional não precisa significar o fim do ciclo de vida de um livro, no entanto, já que os bibliotecários podem “[...] garantir que a distribuição eficaz, em um novo sentido, continue” (ADAMS; BARKER, 2001, p. 27).

“When we handle books sensitively, observing them closely so as to learn as much as we can from them, we discover a thousand little mysteries” (STODDARD, 1980, p. 2). Assim, a presença do exemplar de *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie, de Prosper Marchand* (1740) e tudo que ele trazia consigo exemplificam uma ideia de “Vida social dos livros” de Williams (2017). A autora faz coro a outros que entendem que os livros assumem trajetórias paralelas ou divergentes dos donos originais. Frequentemente se considera que na análise material há pouca ou nenhuma necessidade de compreender a obra em si. Todavia, uma poderá alicerçar a outra, como é este caso, pois seu assunto, considerando a pertença a uma coleção que formou bibliotecários, é bastante emblemático. Independentemente se o exemplar apresenta alguma marginália ou qualquer outra marca que sinalize o uso (WILLES, 2008; SHERMAN, 2009).

Uma grande parte das pesquisas sobre as marcas de proveniência se concentra na identificação da propriedade e, em um sentido histórico, nas práticas de leitura e na circulação e transmissão de textos. Entretanto, existem também estudos sobre o aspecto formal dessas marcas, considerando a sua evolução no tempo, como os dedicados aos ex-libris e encadernações de época (CILIP, 2007).

Para Pearson (1998), no passado recente, surgiu um novo impulso sobre o tema com a necessidade de um maior entendimento dos elementos que caracterizam a proveniência bibliográfica, principalmente, na gestão de coleções oriundas de bibliotecas privadas. Outra questão colocada pelo autor diz respeito aos padrões de descrição em catálogos e a importância do registro dessas marcas. Atualmente, conforme Leung (2016), com os catálogos *on-line*, a tradução de aspectos tão complexos e singulares para metadados acrescenta mais dificuldade a esse problema.

Curwen e Jonsson (2006, p. 32, tradução nossa) afirmam que “[...] qualquer tipo de informação que possa testemunhar o itinerário de um livro é uma informação de proveniência”. Essas informações de variados tipos estão presentes em quase todos os livros antigos e, raramente, são registradas no catálogo. No entanto, o registro dessas informações, de forma estruturada, pode contribuir para a pesquisa histórica em um sentido amplo.

Identificar, analisar, estudar, classificar e agrupar as diferentes marcas são as etapas necessárias antes de registrar. Por isso, a importância da análise material do exemplar.

Para García Aguilar (2011), informações históricas e que acrescentam valor aos livros antigos podem estar presentes nas marcas de proveniência vindas de um ou de vários locais. O caráter histórico de um livro antigo permite a atribuição de um valor patrimonial a este objeto, o que vai distingui-lo de outros similares em uma coleção de uma instituição específica ou de outras. Sendo assim, as marcas de proveniência, como fontes de informação histórica, são fundamentais na identificação da trajetória do exemplar. Além disso, através dessas marcas consegue-se reagrupar coleções dispersas, não necessariamente de modo físico, contribuindo para o entendimento dos fatos sociais relacionados ao livro e à leitura (GARCÍA AGUILAR, 2011).

As anotações manuscritas são as marcas mais comuns encontradas em exemplares de livros antigos. Pearson (1998) destaca que as assinaturas dos donos - isoladas ou junto de frases emblemáticas, endereços, datas ou qualificações profissionais -, as dedicatórias e os códigos de classificação bibliográfica são as que aparecem com mais frequência.

Os *ex-libris* (impressos⁸), em sua ampla variedade de tipos, também são muito encontrados. Em alguns casos, a identificação depende do conhecimento da heráldica e de estudos biográficos, por não trazerem explicitamente o nome do proprietário (PEARSON, 1998). Provavelmente, por sua feição artística e estética, os *ex-libris* são as marcas de proveniência com maior interesse de pesquisadores, com a publicação de catálogos e bibliografias sobre o tema desde meados do século XIX.

Os carimbos começam a ser usados no século XVI. A princípio, eram feitos de metal, madeira ou borracha e, molhados em tinta, estampavam a marca de propriedade nas páginas dos livros. Geralmente traziam uma composição de letras simples que formavam o nome do proprietário, ou em casos raros, reproduzindo a sua assinatura caligráfica. Aos poucos, foram introduzidos outros elementos como monogramas e brasões, tomando uma grande variedade de formas e tamanhos. Pearson (1998) relata que o uso de carimbos por instituições como bibliotecas e museus surge no século XVIII, apresentando uma forma simples e não pictórica. A partir do século XIX, a utilização do carimbo se prolifera nas bibliotecas, não só para indicar a sua posse, mas também para outras práticas biblioteconômicas, como na

⁸ O *ex-libris* impresso divide-se ainda entre gravado, ou seja, aqueles com a presença de elemento iconográfico e tipográfico, só com tipos.

identificação de uma coleção específica, no registro de datas de aquisição ou, como vemos até hoje, nas datas de empréstimo e devolução de obras.

García Aguilar (2011) esclarece que os carimbos úmidos, ou seja, estampados com tinta, são os mais vistos nos exemplares antigos. Entretanto, também se verifica a aplicação do carimbo seco, que deixa uma marca em alto-relevo, feita por pressão e sem uso de tinta. As marcas de fogo feitas nos cortes dos livros, as encadernações personalizadas, as etiquetas de livrarias e encadernadores também se enquadram como marcas de proveniência.

3 O AUTOR E A EDIÇÃO: UMA IDEIA INTELECTUAL MATERIALIZADA

Compreender a trajetória pelas marcas de proveniência e propriedade é uma etapa importante do processo deste tipo de investigação. Outra fase necessária, até para elucidar determinadas marcas, é buscar informações sobre o uso do livro ao longo de sua vida social, desde a saída da tipografia até o atual destino.

Isto é parte do que de fato se considera História do Livro, ou seja, a confluência entre a materialidade do objetivo, incluindo aspectos da produção e marcas posteriores, e a literária e uso do livro/recepção (DARNTON, 1990), como no caso da sua inclusão no currículo do curso de Biblioteconomia.

Para conhecer as origens do exemplar e as prováveis relações entre os diversos personagens e locais envolvidos, foi necessário pesquisar sobre o contexto histórico da época e como a obra foi produzida e publicada. O século XVIII é marcado por uma mudança sociocultural que influencia o mundo ocidental até hoje. O Iluminismo, gestado desde os últimos anos do século XVII, emerge de Paris para a Europa, tendo um importante papel para uma nova concepção de circulação de ideias e troca de saberes. A *República das Letras*, formada por homens eruditos e enciclopedistas, difunde seus ideais de liberdade e tolerância, exaltando o uso da razão e do exame crítico, sem limites, contrapondo-se às exigências e perseguições, licenças e privilégios do Antigo Regime (CHARTIER, 2009, grifo nosso).

Muitos autores e editores como Prosper Marchand (1678-1756), autor da obra que estudamos, deixam a França absolutista e se estabelecem em outros países da Europa. O número de livros religiosos, antes superior, começa a diminuir, enquanto as obras sobre artes e ciências aumentam. O mercado livreiro expande seu espaço e a concorrência na produção de livros impõe maior cuidado dos editores na sua manufatura. Darnton (1996, p. 188)

argumenta que esse interesse era, principalmente, econômico, pois “um livro malfeito não seria comprado”.

Em 1709, depois de se converter ao protestantismo, a repressão sobre as suas atividades e a intolerância aos não católicos obriga Prosper Marchand a sair de Paris e, com os amigos Etienne e Bernard Picart⁹, busca o exílio em Haia (Holanda). Um ano depois, Marchand e Bernard Picart abrem uma pequena oficina de impressão de folhetos, livros e estampas. Coutinho (2007) narra que nesse período, surge a ligação de Bernard Picart à Coroa portuguesa, com o pedido do diplomata D. Luís da Cunha para que ilustrasse o manuscrito *Memórias da Paz de Utreque*. Além disso, o diplomata recomenda o artista para a realização de gravuras para o rei D. João V. No entanto, foi Diogo de Mendonça Corte Real¹⁰, enviado a Haia para a contratação de desenhistas e gravadores para ilustrarem as obras da Academia Real de História, em Portugal, que tornou-se cliente e amigo de Marchand.

Corte Real foi embaixador em Haia e secretário de Estado de D. João V. Simões Junior (2017) descreve o diplomata como um homem culto, poliglota, muito cortês e afável em maneiras, e com uma importante atuação nos Países Baixos, principalmente, na complicada negociação do Tratado de Utrecht. Destacamos essa relação entre Marchand e o representante de Portugal, pois como tratamos de um exemplar que pertenceu à Real Biblioteca portuguesa, procuramos os possíveis indícios e relações que podem ter influenciado essa aquisição.

A publicação da *Histoire de l'Imprimerie* teve como objetivo celebrar os três séculos de invenção da imprensa de tipos móveis na Europa, considerando o período entre 1738 e 1741. Marchand baseou-se em obras anteriores sobre o assunto, como as de Mallinckrodt¹¹, Chevallier¹², Naudé¹³ e Maittaire¹⁴; realizando um extenso trabalho de campo e intensa pesquisa para escrever a história dessa *bela arte* (EISENSTEIN, 1988, grifo nosso).

⁹ Bernard Picart (1673-1733) aprendeu a arte da gravura com o pai, Etienne Picart. Tornou-se um ilustre gravador, com uma extensa obra gráfica, destacando-se no retrato, desenho ornamental e assuntos mitológicos e religiosos. Como ilustrador, desenhou e gravou para vários livros, sendo os dez volumes das *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde* (1723-1743) a sua obra mais conhecida. (MUSEU DE LAMEGO, 2015).

¹⁰ Seu filho, homônimo, foi nomeado Secretário de Estado do Ultramar, por D. José (1750-1756).

¹¹ MALLINCKRODT, Bernhard von (1591-1664). *De ortu et progressu artis typographicae*. Colonia, 1639.

¹² CHEVILLIER, André (1636-1700). *L'origine de l'imprimerie de Paris. Dissertation historique, et critique*. Paris, 1694.

¹³ NAUDÉ, Gabriel (1600-1653). *Addition à l'histoire de Louis XI*. Paris, 1630.

¹⁴ MAITTAIRE, Michel (1668-1747). *Annales typographici ab artis inventæ origine ad annum MD[-MDXXXVI]*. Hagæ-Comitvm, 1719-22.

Em 1740, depois de muitas dificuldades, acontece a impressão do livro que traz uma lista de 189 incunábulos¹⁵ (187 na lista inicial e duas nas adições). Para Berkvens-Stevelinck (1987, p. 61, tradução nossa) “[...] a dissertação histórica é, para a época, obra-prima do gênero bibliográfico”¹⁶. Brunet (1862) atesta que, durante um longo tempo, foi considerada a melhor obra sobre o assunto. A Biblioteca Nacional do Brasil, que também possui um exemplar, no registro catalográfico *on-line* informa no campo de Notas sobre a Raridade/Importância do livro, que “[é] obra básica para o estudo da História do Livro ocidental” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2015).

O processo de trabalho de Marchand demandou tempo e dedicação. No Prefácio, o próprio autor indica que sua pesquisa teve início em 1715. A primeira versão manuscrita data entre 1732 e 1733, e a segunda versão revista foi redigida entre 1737 e 1738. Muito metucioso, procurava ver em mãos e analisar cada obra citada. Na sua coleção particular, que foi doada para a Universidade de Leiden, encontravam-se algumas das raridades descritas no livro (BERKVENS-STEVELINCK, 1987).

Além de entender a conjuntura histórico-social, conhecer a estrutura material da edição é importante para a análise do exemplar. Como é indicado por García Aguilar (2011), *conhecer para descrever*. Portanto, apresentamos os elementos propostos por essa autora para a descrição material de livros antigos e que se referem à edição de *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'imprimerie*, ou seja, marcas de manufatura e tipográficas.

Histoire de l'Imprimerie foi publicado na primeira metade do século XVIII, período que tem como característica um processo de impressão artesanal. García Aguilar (2011) comenta que um livro antigo pode apresentar diferenças estruturais que dependem de como foram solucionados os problemas surgidos no decorrer do processo de impressão, variando da falta de matéria-prima e de mão de obra, e considerando o contexto social, cultural e político da época. No caso específico dessa obra, a produção foi lenta e teve que ser dividida entre duas casas impressoras de Haia: a primeira parte foi impressa por Pierre Paupie, e a segunda, por Veuve Levier (BERKVENS-STEVELINCK, 1987). Para dar suporte à pesquisa e análise material do exemplar da UNIRIO, buscamos informações sobre a estrutura do livro e a sua descrição bibliográfica em outras fontes, e tomamos como base a versão digitalizada e disponível na plataforma Gallica, da Biblioteca Nacional da França.

¹⁵ Documento impresso com caracteres móveis nos primórdios da tipografia, entre cerca de 1455 até 1500 (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 395).

¹⁶ “[...] dissertation historique est, bibliographiquement parlant, pour l'époque, un chef d'oeuvre du genre”.

Na transcrição dos elementos bibliográficos, adotamos um método consagrado pelos bibliógrafos, chamado *quasi-facsimile*¹⁷ que orienta para o uso duas barras para identificar mudanças de linhas e qualquer outro elemento além da letra, tais como ilustrações ou letras que não usamos no alfabeto latino devem ser indicadas entre colchetes (BOWERS, 2005).

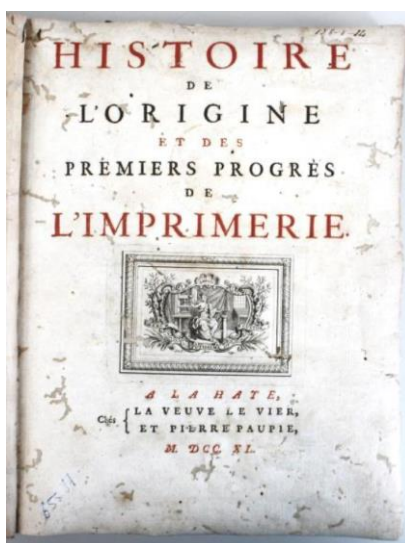
Gaskell (1999, p. 405) orienta que “se copia el texto de la portada, o de cualquier otra parte, en su integridad, incluida la puntuación y otros detalles [...]. El final de una línea se indica por médio de barras verticales”.

A descrição *quasi-facsimile* da página de rosto, conforme García Aguilar (2011) indica para os estudos sobre bibliografia material, é apresentada abaixo:

¹⁷ “Quase-facsimile remains the only accurate method of transcription yet devised by which a title-page can be compared for variation in setting with reasonable prospects of success. The readability of simplified description does not make up for the fact that it is completely useless for serious bibliographical investigation and so has no place in a work which purports to be a bibliography and not a catalogue” (BOWERS, 2005, p. 139).

HISTOIRE [vermelho] // DE // L'ORIGINE // ET DES [vermelho] // PREMIERS PROGRÈS // DE // L'IMPRIMERIE. [vermelho] // [vinheta - gravura: RERUM TUTISSIMA CUSTOS; J. N. S. facit 1739] // A LA HAYE, [vermelho] // Chés // { // LA VEUVE LE VIER, // ET PIERRE PAUPIER, // M. DCC. XL. [vermelho]

Figura 1 - Página de rosto



Fonte: Marchand, 1740.
Acervo BC UNIRIO.

A edição é composta de duas partes em único volume, no formato in-quarto (in-4^o)¹⁸, e apresenta a numeração de páginas no topo, na margem externa, com exceção daquelas que abrem os capítulos e as seções. Nas páginas preliminares são utilizados algarismos romanos (p. V-XII) e nas seguintes, algarismos arábicos. A paginação não é sequencial nas duas partes (p. 1-118; p. 1-152), ou seja, é reiniciada na Segunda Parte. No colacionamento, verificamos que o registro de assinaturas¹⁹ está localizado na parte central inferior da página e fora da caixa de texto, e serve para indicar a ordem em que as folhas foram impressas e dobradas,

¹⁸ O formato está relacionado ao número de vezes que a folha original foi dobrada. No livro antigo, não é correto atribuir uma medida em centímetros, utiliza-se os termos *in-folio* (dobrada em dois), *in-quarto* (dobrado em quatro) e *in-oitavo* (dobrado em oito). No caso do exemplar, o formato *in-quarto* resultou em oito páginas de impressão (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 408).

¹⁹ A assinatura tipográfica serve de indicação para a montagem dos cadernos. São formadas por letras e/ou números sequenciais, e colocadas na parte inferior (fora da mancha), nas folhas de cada caderno para identificá-los (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 77).

sendo apresentadas a partir da página V (Prefácio) da seguinte forma: *3, *4, A-P([1]-3, em branco), A-T([1]-3, em branco).

A composição do texto em caracteres redondos, itálicos ou em versalete tem diferentes tamanhos, variando conforme o tipo de informação: título de seção, texto principal, comentários, referências e notas de rodapé. A obra apresenta também título corrente²⁰ e reclamos²¹.

Além do frontispício, Jakob Van der Schley assina mais duas gravuras: na página de rosto (RERUM TUTISSIMA CUSTOS; J. v. S. facit 1739), e o cabeção²² de início da primeira parte (J. V. Schley delin. et sculp. 1739; *La Fonderie dirigée par MINERVE, de même q l'Imprimerie*). As três gravuras com a representação de Minerva como uma espécie de protetora dos tipógrafos profissionais. Eisenstein (2011) comenta que essa ideia tenta criar uma conexão com os tempos de Gutenberg, uma alusão ao surgimento da imprensa sob a égide da deusa.

Há ainda cabeções florais e capitulares ornamentadas no início dos capítulos, vinhetas de pé de página no final dos capítulos e filetes decorados. Para ilustrar o texto onde são mencionadas, também aparecem as marcas tipográficas de Fust & Schoffer (p. 45) e Schoffer (p. 49), o epitáfio de Jean Scheffer [...] & Anne (p. 51) e o brasão da família Scheffer (p. 52).

4 UM EXEMPLAR, QUATRO BIBLIOTECAS E MUITAS HISTÓRIAS

Depois do estudo sobre a edição, iniciamos a análise material do exemplar em busca de suas características específicas, principalmente, marcas de proveniência (de propriedade) e de uso, como carimbos úmidos, anotações manuscritas, tipo de encadernação e o estado de conservação do livro.

Para descrever esses elementos, optamos por agrupá-los por tipo de marca, com a sua respectiva identificação, a descrição textual na forma em que se apresentam e o número de página, na ordem estrutural em que foram encontrados:

²⁰ Título abreviado repetido na cabeça ou no pé de cada folha (ibid. p. 705).

²¹ Chamada da primeira palavra da página ou caderno seguinte no pé da página precedente, para facilitar a ordenação das páginas ou dos cadernos (ibid. p. 618).

²² Ornamento colocado no alto - cabeça - da primeira página dos capítulos de um livro (ibid. p. 118).

Carimbos úmidos

- DA REAL BIBLIOTHECA - Verso da página de rosto; 2ª Parte - p. 20; p. 152;
- CURSOS // DA // BIBLIOTECA NACIONAL // DO // RIO DE JANEIRO - Verso da página de rosto [riscado com tinta azul]; 1ª Parte - p. 50; 2ª Parte - p. 152;
- FEFIEG // Escola de Biblioteconomia // e Documentação // BIBLIOTECA // Reg. n.º 1406 // 12 / 01 / 1971[algarismos ms. tinta azul] - Verso da página de rosto;
- UNI // RIO; B - 3 - 0796 [hífen e algarismos ms. tinta azul] - Verso da página de rosto.

Anotações manuscritas

- Cursos // verde [grafite] - página de guarda;
- V277-278-3 [tinta azul] - verso do frontispício;
- 138-8-14 [tinta preta]; 655.11 [tinta azul] - página de rosto;
- 650, [tinta azul]; 686.220944 // M315h // CB:74421 [grafite]; I09 // I19 [grafite]; 700/1945 [tinta azul] [riscado com tinta azul]; [ilegível]/[ilegível] [rasurados com tinta azul] - verso da página de rosto;
- VRH - 00479 [grafite] - guarda posterior.

Encadernação e montagem das páginas

- Encadernação moderna (século XX): meia encadernação²³ em couro (verde); cinco nervos na lombada; douração de título e classificação do volume nos entrenervos: HISTOIRE // DE // L'IMPRIMERIE; 655.11 // H673. Guardas interiores em papel decorado.
- Montagem do Frontispício no reto (ou anverso) da página.
Obs.: Diferente de como foi encontrado nos exemplares da BN e da Gallica, em que aparece no verso da página (em livro aberto, em oposição à página de rosto).

²³ Meia encadernação ou encadernação meia cobertura: refere-se ao estilo de encadernação composta por um tipo de material na lombada e parte das pastas, geralmente couro, e o restante coberto com tecido ou papel, decorado ou liso.

Com essas informações foi possível construir o Quadro 1 considerando o espaço-tempo em que, provavelmente, ocorreram as principais intervenções no exemplar, como demonstramos abaixo:

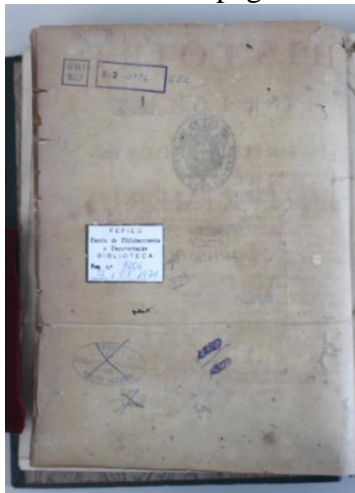
Quadro 1 - Linha espaço-tempo das marcas do exemplar

Local	Data	Marcas	
		Carimbos úmidos	Anotações manuscritas
Portugal	Entre 1740 e 1810-11	DA REAL BIBLIOTHECA	
Brasil	Entre 1810-11 e 1822		
Brasil	Entre 1911 e 1969	CURSOS // DA // BIBLIOTECA NACIONAL // DO // RIO DE JANEIRO	138-8-14; 700/1945 Cursos // verde; 655.11 // H 873
Brasil	Entre 1969 a 1977	FEFIEG // Escola de Biblioteconomia // e Documentação // BIBLIOTECA	Reg. n.º 1406 // 12 / 01 / 1971
	1971		
Brasil	Entre 1979 e 1999	UNI-RIO B - 3	- 0796 650,
	Entre 1999 e 2019		686.220944 M315h CB74421
	2009		I09
	2019		I19

Fonte: Os autores (2020).

Assim, foi possível contextualizar historicamente as marcas de proveniência encontradas no exemplar de *Histoire de l'Imprimerie* da BC UNIRIO. Em alguns casos, consideramos o período estimado ou conhecido da existência das instituições por quais ele passou, a partir da data de sua publicação (1740).

Figura 2 – Verso da página de rosto



Fonte: Marchand, 1740.
Acervo BC UNIRIO.

4.1 Real Biblioteca

Iniciamos nossa narrativa sobre a trajetória do exemplar com as marcas de proveniência deixadas pela primeira instituição que o abrigou. O carimbo úmido da Real Biblioteca portuguesa foi encontrado em três páginas distintas do exemplar de *Histoire de l'Imprimerie*.

Figura 3 - Carimbo da Real Biblioteca presente no exemplar



Fonte: Marchand, 1740.
Acervo BC UNIRIO.

O acervo da Real Biblioteca portuguesa foi formado em vários períodos. A preocupação em acumular o poder simbólico através dos saberes registrados em livros, manuscritos, instrumentos científicos, estampas, esteve presente não só em Portugal, como também em outros Estados. A representação intelectual através da propriedade de coleções

raras e materiais diversos sobre vários assuntos, repercutia em vantagens políticas e no orgulho nacional (SCHWARCZ, 2012).

No período de D. João V (1706-1750), houve grandes investimentos para aumentar e sistematizar a Biblioteca Real. Conhecido como “o Magnânimo”, D. João V buscava colocar Portugal no nível cultural de outras cortes europeias e, também, dar sustentação para estudos técnicos e científicos que contribuíssem para o desenvolvimento português. Para isso, convocou seus agentes diplomáticos, livreiros estrangeiros e acadêmicos para adquirir livros ou coleções para enriquecer a sua valiosa Biblioteca (SCHWARCZ, 2012).

A publicação de *Histoire de l’Imprimerie*, em 1740, em Haia, se insere nesse período e seu conteúdo, uma bibliografia de incunábulos, seria de interesse de qualquer colecionador ou bibliófilo da época. A relação entre Prosper Marchand, o autor, e Diogo de Mendonça Corte Real, secretário de Estado de D. João V, entre 1707 e 1736 (ano de sua morte) e ex-diplomata com passagem em Haia, também podem justificar a existência de exemplares da obra em Portugal. Corte Real teve sua biblioteca catalogada por Marchand, além de ter intermediado o convite ao bibliógrafo francês para se estabelecer em Portugal e organizar a biblioteca real.

Em 1750, a Real Biblioteca aparecia entre as mais importantes da Europa, com cerca de 70.000 livros. Com a morte de D. João V, seu filho D. José I assume o trono e não demonstra o mesmo interesse do pai pelos livros, mas a biblioteca se manteve, de maneira quase independente, com os cuidados de seu bibliotecário (SCHWARCZ, 2012).

O terremoto de 1755 que devastou Lisboa em um dia arruinou casas, palácios, monumentos e a Real Biblioteca. A reconstrução da cidade e da coleção real foi implementada pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), designado Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino por D. José, entre 1756 e 1777, e que tornou-se o ‘arquiteto’ de uma nova era em Portugal, delimitando espaços físicos, políticos, morais e culturais (SCHWARCZ, 2012).

O Palácio da Ajuda é construído para ser a nova morada da família real e também das duas ‘livrarias reais’ que, depois do terremoto, tiveram de ser recriadas. Com as poucas obras que sobraram, a biblioteca começou a ser recomposta com a compra de acervos privados, o confisco das coleções de mosteiros jesuítas (que foram presos ou expulsos de Portugal) e doações espontâneas ou forçadas, além da requisição de exemplares duplicados de outras bibliotecas. Schwarcz (2012) relata sobre a existência de duas coleções depositadas no mesmo

acervo. A Real Biblioteca com obras sobre religião, história, filosofia, belas-artes e ciências naturais, além de atlas, obras impressas e manuscritas, partituras musicais, gravuras e outros itens. A segunda coleção destinava-se à educação dos príncipes e agrupava compêndios de história e geografia, livros de ciências e gramáticas, e era conhecida como do “Infantado”.

Com a morte de D. José, em 1777, sua filha D. Maria assume o trono e institui o fim da era Pombalina. O período ficou conhecido como a “Viradeira”, com mudanças e retomadas de valores e políticas que pretendiam marcar uma ruptura ao governo anterior de Pombal, acusado de corrupção e outros crimes contra o Estado português. A rainha investiu bem mais em uma nova biblioteca, a Real Biblioteca Pública da Corte e do Reino, aberta ao público em 1797, do que na manutenção e aquisição de novas obras para a Real Biblioteca, na Ajuda (SCHWARCZ, 2012).

O reinado de D. Maria é marcado por vários conflitos externos que influenciam, de maneira crítica, a estabilidade do Estado português. O tratado de cooperação com a Inglaterra contra a França, assinado em 1793, torna Portugal alvo dos franceses e seus aliados. Em 1799, com o estado de saúde da rainha debilitado, D. João VI assume oficialmente a regência; mesmo ano em que Napoleão Bonaparte torna-se chefe do governo francês. A situação de guerra entre os países se acirra e, em 1807, Napoleão decide cumprir a ameaça de invadir Portugal. A família real embarca, às pressas, para o Brasil e, junto com ela, entre 12 mil a 15 mil súditos (SCHWARCZ, 2012).

Apesar da ordem de recolher e embalar todos os bens para a mudança, na confusão do momento de embarque, “os caixotes de livros, documentos, gravuras e outras preciosidades da Real Biblioteca [...] acabaram abandonados no porto [...]” (SCHWARCZ, 2012, p. 262). Somente entre o início de 1810 e o final de 1811, em três remessas e 317 caixotes no total, a Real Biblioteca é reunida no Rio de Janeiro.

Nessa conturbada história, não há como saber ao certo como a *Histoire de l’Imprimerie* se integrou à Real Biblioteca. As hipóteses são muitas: o exemplar foi levado para Portugal por algum de seus diplomatas e teria sobrevivido ao terremoto de 1755? Ou foi adquirido depois disso por doação, confisco ou compra? O fato é que, pelo menos, dois exemplares da obra, com a marca de propriedade da Real Biblioteca (carimbo úmido), fizeram uma longa viagem de Portugal até o Brasil. Além do exemplar estudado da BC UNIRIO, outro exemplar está depositado na seção de Obras Raras da BN brasileira.

A partir da chegada ao Brasil, a coleção da Real Biblioteca com cerca de 60 mil itens, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, foi alojada em vários lugares. Primeiro, no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março. Já no Governo Imperial, em 1855, um novo prédio é adquirido na Rua da Lapa, atual Rua do Passeio, onde se encontra a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1905, inicia-se a construção do prédio na Avenida Rio Branco (antiga Avenida Central), sendo inaugurado em 1910 (BIBLIOTECA NACIONAL, [201-?]).

Em 1821, junto com a família real, parte do acervo original retorna à Portugal. Mas, a biblioteca continua sendo enriquecida com novas obras e coleções particulares, principalmente, com a introdução de ‘propinas’, que determinava o recolhimento obrigatório de livros e periódicos editados em Portugal e no Brasil, procedimento que, tempos depois, tornou-se o Depósito Legal. Com a declaração de Independência do Brasil, em 1822, a Real Biblioteca passa a ser denominada *Biblioteca Imperial e Pública*. Tem início uma disputa entre Brasil e Portugal sobre a propriedade do acervo e, em 1825, o Brasil paga por ele 800 contos de réis, um valor exorbitante na época. Em 1876, a instituição passa a se chamar definitivamente *Biblioteca Nacional* (BIBLIOTECA NACIONAL, [201-?]).

4.2 Biblioteca Nacional

Na sequência da trajetória do exemplar de *Histoire de l’Imprimerie*, como marcas de proveniência encontramos em três páginas o carimbo úmido relativo aos *Cursos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Algumas anotações manuscritas, assim como a encadernação com capa verde e o processo de laminação nas páginas, por dedução, também consideramos terem sido feitas durante o período de permanência na Biblioteca Nacional. É importante destacar que nos limitamos, principalmente, aos anos de criação e funcionamento dos cursos da BN, entre 1911 e 1969.

Figura 4 – Carimbo dos Cursos da Biblioteca Nacional e anotação no verso da folha de rosto



Fonte: Marchand, 1740. Acervo BC UNIRIO.



Fonte: Marchand, 1740. Acervo BC UNIRIO.

Já instalada no novo prédio da Avenida Rio Branco, a Biblioteca Nacional que teve na Real Biblioteca seu acervo formador, continua em crescente desenvolvimento. Em 1910, foram transportadas para o novo edifício, cerca de 400 mil obras (BIBLIOTECA NACIONAL, 201-?). A direção de Manoel Cícero Peregrino da Silva, entre 1900 e 1924, procurou investir na atualização e em melhorias de todas as áreas da biblioteca, desde a organização do acervo à implementação de novas tecnologias e materiais. O crescimento da estrutura e do acervo implica no aprimoramento e na formação de novos profissionais.

Assim, em 1911, é criada a estrutura para o primeiro Curso de Biblioteconomia do Brasil e da América Latina, e terceiro do mundo. Entretanto, o curso só pôde ser iniciado em 1915 e, sem verba orçamentária, foi extinto em 1922. É restabelecido em 1931, passando por várias reestruturações curriculares ao longo dos anos, sendo reconhecido como formação em nível superior, em 1962 (CHRONOS, 2015).

Nos anos 1940, o professor e depois Diretor dos Cursos, Josué Montello, amplia a formação de profissionais para três níveis de ensino: o Curso Fundamental de Biblioteconomia, para formar auxiliares de biblioteca; o Curso Superior de Biblioteconomia, para habilitar bibliotecários para serviços especializados e para a administração de bibliotecas, com fornecimento de Diploma registrado no Ministério de Educação e Cultura (MEC); e, ainda, os Cursos Avulsos, com várias temáticas da área, para a atualização dos profissionais (COSTA; GRAU, [20-?]).

Weitzel (2009) menciona o *Relatório das ocorrências verificadas e atividades realizadas durante o período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1945*, de Rubens Borba de Moraes - o primeiro bibliotecário a dirigir a BN no período 1945-1948 -, no qual é relatado o início de uma coleção de biblioteconomia com 200 obras em 254 volumes, recolhidas no Salão de Referência e nos armazéns de livros da Seção de Consulta, além de outras adquiridas por compra, doação, permuta e/ou contribuição legal. Esta coleção evoluiu e acompanhou os diferentes períodos do Curso de Biblioteconomia da BN, atendendo a bibliografia básica das diversas disciplinas curriculares, e tornando-se “o acervo básico-histórico da Biblioteca da Primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil” (GRAU; SILVA; COSTA, 2013, p.1).

O exemplar de *Histoire de l’Imprimerie*, da atual Coleção Memória da Biblioteconomia, da BC UNIRIO, faz parte desse conjunto de livros, conforme demonstram as marcas de proveniência já citadas: carimbo úmido referente aos *Cursos da Biblioteca Nacional*; anotações manuscritas, sendo uma datada com o ano 1945 (mesmo ano do Relatório de Rubens Borba de Moraes) e outra, presumimos, relacionada à encadernação e indicando a cor da capa, *Cursos Verde*.

A capa em cor verde traz na lombada o título abreviado *Histoire de l’Imprimerie* e a classificação 655.11 - H 873 com douração nas letras. Na montagem dos cadernos, acreditamos que tenha havido uma falha na paginação do frontispício. Geralmente, ele aparece no verso da página anterior à página de rosto, como acontece na edição digitalizada disponível na plataforma Gallica e no exemplar existente na BN. Diferentemente, o exemplar da BC UNIRIO traz o frontispício no reto da página anterior à página de rosto.

4.3 Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG)

Uma nova etapa do percurso do exemplar de *Histoire de l’Imprimerie* é assinalada no verso da folha de rosto com o carimbo úmido da FEFIEG, como parte da coleção da Biblioteca da Escola de Biblioteconomia e Documentação, com o Registro nº 1406, de 12/01/1971.

Figura 6 – Carimbo da FEFIEG no verso da folha de rosto



Fonte: Marchand, 1740.
Acervo BC UNIRIO.

É importante mencionar que este carimbo (Figura 6) foi estampado em um papel à parte, depois recortado e colado por cima de um carimbo anterior no mesmo formato. Provavelmente, a ocorrência de alguma mudança no registro do item foi o motivo da intervenção inusitada. Infelizmente, esconde algum outro sinal sobre a trajetória do exemplar. De acordo com a diretora da BC UNIRIO, Márcia Valéria da Silva Brito Costa, poderia ter sido o primeiro registro feito na transferência da coleção da Biblioteca Nacional para a FEFIEG, no final da década de 1960 (informação verbal, 2019)²⁴.

A Federação das Escolas Federais Isoladas da Guanabara foi criada no final da década de 1960, depois da Reforma do Ensino Superior, em 1968. Em agosto de 1969, o Decreto n. 773/69 congregava, a princípio, sete estabelecimentos isolados de ensino: (1) Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; (2) Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; (3) Escola Central de Nutrição; (4) Curso Superior de Teatro, do Serviço Nacional de Teatro; (5) Instituto Villa-Lobos; (6) Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional; (7) Instituto Nacional do Câncer (em 1971, foi reintegrado ao Ministério da Saúde) (OLIVEIRA, 2002).

Os Cursos de Biblioteconomia da BN se incorporam à FEFIEG e dão início à Escola de Biblioteconomia e Documentação (EBD), tendo como diretor o Prof^o Antônio Caetano Dias (que exercia a mesma função na BN), e como vice-diretora a Prof^a Ozéa Botelho Fernandes. A nomeação e a posse dos diretores só ocorreu em 1972 e, até o ano seguinte, o curso funcionou nos porões da BN. Entre 1973 e 1979, até se instalar no novo prédio, a EBD funcionou na Rua Washington Luís, próximo à Praça da Cruz Vermelha, na Lapa (CHRONOS, 2015).

²⁴ COSTA, Márcia Valéria da Silva Brito. *Conversa pessoal sobre o livro* Histoire de l'Imprimerie. Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 31 out. 2019.

A fusão do Estado da Guanabara com o Rio de Janeiro, em 1975, provoca a alteração na denominação da FEFIEG para Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ). Dois anos depois, se integram à FEFIERJ o Curso Permanente de Arquivo, do Arquivo Nacional, e o Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional. A reunião dos três cursos - Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia -, atendia o desejo de Antônio Caetano Dias, possibilitando a formação de um *documentalista ideal*. A integração física dos cursos, no novo prédio da Rua Dr. Xavier Sigaud, ocorreu em 1979, dando origem ao Centro de Ciências Humanas (CHRONOS, 2015).

Desde 1977, a Biblioteca Central já estava instalada no mesmo endereço, tendo sido criada para atender as exigências do MEC de uma estrutura mínima para o reconhecimento como Universidade. Reunindo os acervos das escolas, antes isoladas que formaram a FEFIERJ, foi depois enriquecida com doações (UNI-RIO, 2011).

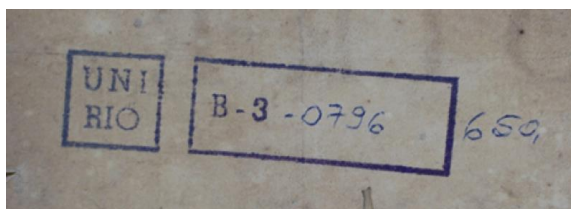
A ideia de transformar a Federação em universidade foi pensada em vários momentos, desde a sua criação. A partir de 1975, começam a ser colocadas em prática outras ações necessárias a essa transformação, como a departamentalização, a criação de Centros e a implantação do regime de créditos. Em junho de 1979, a Lei nº 6.655 transforma a FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO). O Prof.º Guilherme Figueiredo, que já exercia o cargo de Presidente da Federação, foi nomeado o primeiro Reitor da Universidade (OLIVEIRA, 2002).

4.4 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)²⁵

As marcas de proveniência mais recentes encontradas no exemplar estudado referem-se ao último trecho de sua longa trajetória. No verso da página de rosto, o carimbo úmido *UNIRIO B-3* e as anotações manuscritas em tinta azul (- 0796; 650,), junto a ele, assim como as de lápis grafite (686.220944 // M315h // CB:74421; I09; I19), no centro da página, assinalam o período de 1979 até 2019 (Figura 4).

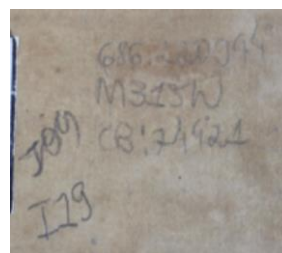
²⁵ A delimitação de períodos históricos não é tarefa fácil, principalmente, quando se trata de uma instituição que, apesar de ter recebido diferentes nomenclaturas, como é o caso da FEFIEG/ FEFIERJ/UNIRIO, possui uma narrativa histórica que se confunde como única, na qual a memória de uma, é também das outras. Contudo, optamos por separar as diferentes fases de acordo com as marcas de proveniência institucionais do exemplar estudado, assumindo para a UNIRIO a sua atual denominação.

Figura 7 – Carimbo da UNIRIO no verso da folha de rosto



Fonte: Marchand, 1740. Acervo BC UNIRIO.

Figura 8 – Anotações manuscritas no centro do verso da página de rosto



Fonte: Marchand, 1740. Acervo BC UNIRIO

De acordo com as atuais bibliotecárias da BC UNIRIO (informação verbal), a sigla *B-3* do carimbo (Figura 7) marca a área de conhecimento do item e da biblioteca setorial a que pertence, no caso, o Centro de Ciências Humanas; e as anotações manuscritas, provavelmente, indicam o número de registro no Livro de Tombo (0796) e a precificação (valor atribuído por exigência do tombamento) em moeda da época (650,). As anotações a lápis (Figura 8), mais recentes, mostram a classificação bibliográfica (Classificação Decimal de Dewey) e o código da tabela de Cutter (686.220944 // M315h), a numeração do código de barras (CB:74421), e os registros dos inventários realizados em 2009 e 2019 (109; 119).

Ao tornar-se Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)²⁶, seu primeiro Reitor, o Prof.º Guilherme Figueiredo (1979-1988), implementou diversas reformas, tanto para atender as exigências legais e governamentais quanto para unificar as diversas escolas, sem desprezar suas histórias, e construir uma única imagem identitária (OLIVEIRA, 2002). Após deixar a Reitoria, Figueiredo torna-se assessor especial, permanecendo na universidade até sua morte, em 1997. Durante esse período, na sala que hoje tem o seu nome e abriga as coleções especiais no segundo andar da BC UNIRIO, trabalhou para desenvolver uma biblioteca digna à universidade (FREIRE; COSTA; ACHILLES, 2017).

A Biblioteca Central, que desde 1977 estava instalada na Rua Dr. Xavier Sigaud, mudou-se para sua sede definitiva e atual, na Av. Pasteur, 436 – Urca, Rio de Janeiro, em junho de 1988, estando diretamente subordinada à Reitoria. Nesse primeiro momento, o espaço foi dividido com a Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes e a Biblioteca

²⁶ Oliveira (2002) relata que a forma com hífen da sigla UNI-RIO foi sendo suprimida ao longo dos anos. A partir de 1999, é adotada a forma sem hífen: UNIRIO. Em 24 de outubro de 2003, a Lei n.º 10.750 altera o nome para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e a sigla se mantém.

Infanto-Juvenil. Em 1997, a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas passou a integrar a Biblioteca Central, com a mudança do Centro de Ciências Humanas para o novo prédio na Av. Pasteur, n. 458 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DO JANEIRO, 2011; FREIRE; COSTA; ACHILLES, 2017).

A Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas (CCH) que, entre outros cursos, atende a Escola de Biblioteconomia, teve sob sua responsabilidade os livros utilizados nos Cursos da Biblioteca Nacional. Costa e Grau ([20-?], p. 2) destacam que esse conjunto sofreu, com “[...] sucessivas transferências e, conseqüentemente, algumas perdas, visto que sempre esteve aberto para consultas e durante muitos anos foi utilizado como material bibliográfico do curso”.

Em 1989, a bibliotecária Eliane Alves Mey resolve dar um tratamento mais adequado às obras da Biblioteca do CCH. Ana Virginia Pinheiro, bibliotecária chefe da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional e professora da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, é convidada por Eliane Mey para orientar a seleção de obras do acervo para a formação de uma coleção especial.

Começa, então, a construção de uma coleção especial e *O acervo básico-histórico da Biblioteca da Primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil* passa a fazer parte do Acervo de Obras Raras da UNIRIO. O primeiro catálogo manual dessa coleção, com cerca de 120 títulos, abrangia obras publicadas entre 1740 até 1915 (data do início dos cursos) e foi elaborado pela bibliotecária Maria Luiza da Fonseca, em 1991 (COSTA; GRAU, [20-?], grifo nosso).

Ao longo do tempo, inventários e pesquisas no acervo geral da BC UNIRIO e na Biblioteca do CCH permitiram a identificação, através dos carimbos, de outras obras que se integraram ao primeiro conjunto. Costa e Grau ([20-?]) relatam que uma segunda seleção aumentou a coleção para 721 títulos. Em 2009, no processo de automatização do catálogo, esta começou a ser identificada como Coleção Memória da Biblioteconomia (CMB).

Com obras de autores clássicos do século XIX, como Peignot (1823), Namur (1834), Rouveyre (1878), Petzholdt (1894) e Maire (1896), além dos primeiros periódicos da área *Library Journal* e *Library Quaterly*, a CMB é um reflexo do pensamento biblioteconômico no Brasil e na América Latina, e mostra o seu desenvolvimento até os anos 1970 (COSTA; GRAU, [20-?]).

Ao considerarmos seu viés funcional, percebemos três fases distintas. Em um primeiro momento, a coleção teve um caráter utilitário e prático, atendendo os alunos e professores do Curso de Biblioteconomia. Depois, ao ser agrupada como uma coleção especial, reservada e guardada, assume uma função histórica qualificando-se como patrimônio bibliográfico e parte importante da memória institucional. Na terceira e atual fase, as duas funções anteriores tornam-se complementares, com a permanência do valor patrimonial e a retomada da utilidade por sua significativa contribuição nas pesquisas sobre as origens da área. Conforme Costa e Grau ([20-?], p. [6]),

[...] ficou evidente a importância de ir além da guarda dessa coleção e também seu peso como subsídio para pesquisas futuras, que pudessem explorar, além dos dados, a riqueza de significados encerrados nela. Seu próprio valor simbólico faz com que as obras voltem a ter, em parte, um valor utilitário, combinando as duas funções. A coleção passa a ser uma memória viva da Biblioteconomia no Brasil. [...].

Alguns projetos de pesquisa sobre a CMB realizados são, por exemplo, o Inventário Descritivo das Marcas de Proveniência Bibliográficas e os propostos pelo grupo *Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes*, para aproximar a teoria da prática na busca de uma compreensão epistemológica da área, e que mapeou os quantitativos, a temporalidade, os termos indexados e as formas estruturais de 693 itens da CMB (SALDANHA; MATA; SALOMÃO; CABRAL; 2018). O estudo de Weitzel (2009) sobre a origem do desenvolvimento de coleções no Brasil também buscou nas obras da CMB uma correlação com as disciplinas da primeira fase do Curso de Biblioteconomia da BN (1915-1922 e de 1932-1949).

Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie, exemplar mais antigo da coleção e único com o carimbo da Real Biblioteca, traz na sua individualidade e na sua trajetória um segmento da história da CMB. Ao mesmo tempo que reconhecemos que a importância de uma coleção especial está no conjunto das obras que a compõe, tentamos direcionar o olhar para uma visão sistêmica, buscando conhecer uma parte para, assim, entender melhor o todo. Depois do questionamento de Saldanha; Mata; Salomão; Cabral (2018, p. 51) sobre seus “volumes fechados” e sobre “[o] que a Coleção Memória da Biblioteconomia diz, em silêncio, ao nos olhar?”, entendemos que cada exemplar pode nos

revelar inúmeras ‘vozes’ que aguardam, silenciosamente nas estantes, o momento de serem ouvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os carimbos úmidos identificando as instituições por onde o exemplar passou foram os guias desse longo percurso. Depois de impresso na Holanda, primeiro se integrou à Real Biblioteca, em Portugal. Chegou ao Brasil, em 1810-1811, em algum dos caixotes que atravessaram o oceano por ordem do Rei D. João VI. Mais tarde, junto com milhares de outros exemplares, foi parte do acervo formador da Biblioteca Nacional brasileira. Ali, foi utilizado por professores e alunos do primeiro Curso de Biblioteconomia do país, entre 1915 e 1969. Com a transferência do Curso da BN para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), que incluiu o *acervo básico-histórico da Biblioteca da Primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil*, hoje Coleção Memória da Biblioteconomia, o exemplar chega à UNIRIO.

Para atribuir um valor especial a um livro ou a um exemplar específico, antes de tudo, é preciso conhecê-lo. Ao olhar o livro na perspectiva documental, podemos ver na sua materialidade outras histórias e memórias, além daquelas que seus autores pretendiam contar. Uma simbólica rede de relações sociais, muitas vezes, oculta entre as páginas e silenciosa nas estantes. Portanto, conhecer a origem das coleções e as potencialidades dos seus itens é fundamental para a sua manutenção e preservação. Individualizar e caracterizar um exemplar como único e especial justifica a sua salvaguarda e, ainda, acrescenta valor ao acervo e à biblioteca.

Ao identificarmos as marcas de proveniência e relacionarmos a trajetória do exemplar com a história da UNIRIO e de outras instituições, compreendemos essa intrincada rede de micro-histórias que se entrelaçam e que, durante a pesquisa, se revelaram. A materialidade do livro nos guiou no espaço-tempo para recuperar a história da publicação (impressor, ilustrador, críticos e bibliógrafos), de seu autor e do contexto sociocultural do período, das bibliotecas e instituições por onde esteve, assim como a formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas. É importante lembrar também, da atuação de profissionais bibliotecários e da própria evolução da Biblioteconomia no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Thomas R., BARKES, Nicolas. A new model for the study of the book. *In*: BARKES, Nicolas. *A Potencie of life: books in society*. London: The British Library, 2001, p. 5-44.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ENANCIB, 20., 2019. Florianópolis. *Anais eletrônicos ...* Florianópolis : UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799>. Acesso em: 2 nov. 2019.

BERKVENS-STEVELINCK, Christiane. *Prosper Marchand: la vie et l'oeuvre, 1678-1756*. New York : Universitaire Pers Leiden, 1987.

BIBAS, Marli Gaspar. *As marcas de proveniência como elementos para a construção narrativa da trajetória do exemplar Histoire de l'Origine et des Premiers Progrès de l'Imprimerie (1740): da Real Biblioteca à Biblioteca Central da UNIRIO*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/TCCMarliBibasFinal.pdf>.

BIBLIOTECA NACIONAL. *BN 200 anos: As coleções formadoras. Inventário de livros do Infantado que vieram para a Real Biblioteca [on-line]*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1289279/mss1289279.pdf. Acesso em: 29 abr. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Catálogo de Obras Raras. Histoire de l'origine et des premiers progres de l'imprimerie [on-line]*. Rio de Janeiro, [2015]. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/acervo/detalhe/1230968?guid=1569182560568&returnUrl=%2fsophia_web%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1569182560568%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1230968%231230968&i=4. Acesso em: 31 out. 2019.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Gallica* [site]. Paris, [2013]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1040287w/f1.item>. Acesso em: 29 maio 2019.

BIRKS, Jo. *Mapping the networks of ownership and distribution of rare books in Special Collections at the University of Auckland General Library*. Tesis (Doctorated in Library Science) - School of Information Management, Victoria University of Wellington in partial fulfilment of the requirements of the degree of Master of Information Studies. 2014. Disponível em: <https://researcharchive.vuw.ac.nz/xmlui/handle/10063/3605>. Acesso em: 20 maio 2020.

BOWERS, Fredson. *Principles of Bibliographical Description*. Princeton: University Press, 2005.

BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur des livres*. 5. ed., v. 3. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1862. p. 1398-1399. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k209349k>. Acesso em: 22 set. 2019.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

CHRONOS. Publicação cultural da UNIRIO. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Ano 7, n. 10. Ed. comemorativa: *100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

CHARTERED INSTITUTE OF LIBRARY AND INFORMATION PROFESSIONALS (CILIP). *Guidelines for the Cataloguing of Rare Books*. The library and information association, Rare Books and Special Collections Group. London, 2007. Disponível em: <https://archive.cilip.org.uk/sites/default/files/documents/Guidlines%20for%20the%20Cataloguing%20of%20Rare%20Books.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

COSTA, Márcia Valéria da Silva Brito; GRAU, Isabel Ariño. *Primeiro catálogo impresso do "Acervo básico-histórico da Biblioteca da Primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil"*. [Rio de Janeiro: s.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/BritoCosta.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida. *Imagens cartográficas de Portugal na primeira metade do século XVIII*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Locais e Regionais) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/18491>. Acesso em: 8 nov. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília, DF : Briquet de Lemos / Livros, 2008.

CURWEN, Tony; JONSSON, Gunilla. Provenance and the Itinerary of the Book: recording provenance data in on-line catalogues. *CERL Papers VII* (2007); Imprints and owners (10 November 2006). Disponível em: http://documents.cerl.org/provenance/CERL_VII_art_04.pdf. Acesso em: 29 abr. 2019.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Trad. Denise Bottman. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *Divine art, infernal machine: the reception of printing in the west from first impressions to the sense of an ending*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2011. Cap. 4.

EISENSTEIN, Elizabeth L. Print culture and enlightenment thought. University library, the University of North Carolina at Chapel Hill. *Réseaux*, v. 6, n. 31, 1988. L'écrit. p. 7-38. doi : <https://doi.org/10.3406/reso.1988.1287>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1988_num_6_31_1287. Acesso em: 24 jul. 2019.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria Da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina, 2008.

FONSECA, Maria Luiza da. O acervo básico-histórico da biblioteca da primeira escola de Biblioteconomia do Brasil: bibliografia. In: UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Os 80 anos da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil*. Rio de Janeiro, 1991. p. 33-40.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire. Acesso em: 29 jul. 2019.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti; COSTA, Marcia Valéria da Silva de Brito; ACHILLES, Daniele. A biblioteca particular de Guilherme Figueiredo: uma coleção especial. In: ENCUESTRO NACIONAL DE INSTITUCIONES COM FONDOS ANTIGUOS Y RAROS, 4., 2017, Buenos Aires. *Gestión del patrimonio bibliográfico y documental en bibliotecas, archivos y museos*. Buenos Aires: [s.n.], 25 e 26 de septiembre de 2017. Disponível em: <https://bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/32/13-Stefanie%20Freire.%20ponencia.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.

GASKELL, Philip. *Nueva introducción a la bibliografía material*. Madrid: Trea, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRAU, Isabel Ariño; SILVA, Cátia Ayres; COSTA, Márcia Valéria Brito. Criando pontes entre passado, presente e futuro: o acervo básico-histórico da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, SC. *Anais eletrônicos ...* Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1299>. Acesso em: 16 maio. 2019.

LEUNG, Colette. *The Journeys of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. Thesis (Master of Arts in Humanities Computing and Library and Information

Studies). Alberta: University of Alberta Libraries, 2016. Disponível em:
<https://doi.org/10.7939/R3901ZS4V>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MARCHAND, Prosper. *Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'imprimerie*. A La Haye: Chez Pierre Paupie, 1740.

MENESES, Ulpiano. “O Objeto Material como Documento”. Reprodução da aula ministrada o curso Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas. IAB/CONDEPHAAT, 1980. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5577860/mod_resource/content/1/MENESES%2C%20Ulpiano%20Bezerra%20de.%20O%20objeto%20como%20documento.%201980.pdf.

MICHAELIS - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, *on-line*, São Paulo: Melhoramentos, c2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 15 maio de 2019.

MUSEU DE LAMEGO. Notícias: *Museu destaca em junho retrato de Nuno Álvares Pereira*. Lamego, 11 jun. 2015. Disponível em: <http://www.museudelamego.gov.pt/museu-destaca-em-junho-retrato-de-nuno-alvares-pereira/>. Acesso em: 1 ago 2019.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de. *Universidade do Rio de Janeiro: discurso, memória e identidade: gênese e afirmação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PEARSON, David. *Provenance research in book history: a handbook*. London: British Library, 1998.

SALDANHA, Gustavo Silva; MATA, Diogo Xavier da; SALOMÃO, Amanda; CABRAL, Caio. A Coleção Memória da Biblioteconomia e a epistemologia histórica dos estudos biblioteconômico-informacionais no Brasil: sobre coleções bibliográficas como fatos epistêmicos. *RBBB*, São Paulo, v. 14, p. 46-68, set. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1080>. Acesso em: 7 maio 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SILVA, Roge Cavalcante. *Para além do conteúdo: a análise material do Orbis sensualium pictus na Gallica*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/arquivos/tccs-2018-2/SILVA_%20Roge%20-%20Para%20alem%20do%20conteudo-%20a%20analise%20material%20do%20exemplar%20d%20Orbis%20sensualium%20pictus%20na%20Gallica%20-%20VERSAO%20FINAL.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

SIMÕES JUNIOR, Mario Francisco. *A Secretaria de Estado do Ultramar e Diogo de Mendonça Corte Real: inflexões na administração central do Império Português (1750-1756)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em:
doi:10.11606/D.8.2018.tde-07022018-123131. Acesso em: 7 maio de 2019.

STODDARD, Roger. *Marks in Books: illustrated and explained*. Harvard: University Press, 1980.

STOKES, Roy. *The function of bibliography*. 2nd ed. Worcester: Billing & Sons, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Biblioteca Central*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
<http://www.unirio.br/bibliotecacentral/biblioteca-central-1>. Acesso em: 8 abr. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *História*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:
<http://www.unirio.br/institucional/historia>. Acesso em: 8 abr. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Histórico: Biblioteca Central da UNIRIO*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, [20-?]. Disponível em: <http://www.unirio.br/bibliotecacentral/sobre-o-sistema-de-bibliotecas-da-unirio>. Acesso em: 8 abr. 2019.

VALLADARES, Mercedes Fernandez. Análisis material y control bibliográfico del libro antiguo: un ejemplo a propósito de la obra de Martín de Frías. *Revista General de Información y Documentación*, Madrid, v. 8, n. 1, p. 30, 1998. Disponível em:
<https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9898120011A>. Acesso em: 25 ago. 2019.

VARRY, Dominique. *Introduction a la bibliographie matérielle*. Soumis par varyy le mar. 2011. Disponível em:
<http://dominique-varry.enssib.fr/bibliographie%20materielle>. Acesso em: 29 abr. 2019.

WEITZEL, Simone da Rocha. Origem e fundamentos do processo de desenvolvimento de coleções no Brasil: estudo de caso da Biblioteca Nacional, 2009. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 10., 2009. *Anais eletrônicos ...* João Pessoa: UFPB, 25-28 out. 2009. Disponível em:
<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3285/2411>. Acesso em: 16 set. 2019.

SHERMAN, William H. *Used books: marking readers in Renaissance England*. Philadelphia: University Press, 2009.

WILLIAMS, Abigail. *The Social life of books: reading together in the Eighteenth-Century home*. Yale: University Press, 2017.